



VISTA INTERIOR DA PRISÃO DE TOLEDO.

CORRIA o anno 1614. N'uma pobre casa de Toledo, cuja unica mobilia consistia em um leito, algumas cadeiras, um chapéu de plumas, uma espada e uma pistola penduradas na parede, estava um sujeito defeia catadura, sentado ao pé de uma velha mesa cuberta de cartas e de livros. Este sujeito era D. Miguel Cervantes, então commissario de viveres do exercito de Filippe III, emprego que obtivera por intervenção do seu protector o conde de Lemos, a quem unicamente devia não ter já morrido de fome.

Mas o auctor do D. Quixote, pensando agora sómente no seu livro, considerava-se o mais feliz de todos os homens. E que acabava de receber cinco traducções em varias linguas da Europa, e saboreava trinta cartas em que os mais illustres escriptores da Allemanha, da Italia e da França o collocavam a par de Homero, de Virgilio e de Ovidio.

Esquecendo-se até de que estava a tiritar de frio, e de que nem sequer tinha almoçado, embugou-se ufanamente na sua capa; um pouco arrendada . . . de boracos, poisou o braço aleijado na velha durindana de Lepanto, e poz-se a medir o aposento com uma arrogancia tal como se estivesse já no cume do Parnaso.

D'ali a pouco entrou uma mulher, formosa ainda, apesar da tristeza que lhe annuviava o semblante, e que se fazia principalmente notar pelo seu lindo cabello negro ondeado, pelo colar de perolas que lhe ornava o pescoço, e pelo vestido de lã, enfeitado de setim, que trazia.

— «Olha, Catharina, aqui está a nossa gloria!» exclamou o poeta, apresentando a sua esposa (pois era ella) cartas e livros.

— «A nossa gloria?» respondeu Catharina, desviando os olhos arrasados de lagrimas: «a nossa gloria aqui t'a apresento . . . do avêssio.»

E entregou ao marido tres novas cartas. A primeira era do seu editor de Madrid, communicando-lhe que ninguem queria comprar o D. Quixote, e pedindo-lhe o embolsasse da quantia de 2:000 reales que lhe emprestára.

— «Cega e ingrata patria!» disse Cervantes, atirando-se prostrado para cima de uma cadeira. «Traduzido, admirado em toda a Europa, desconhecido, ludibriado no meu paiz! Aqui está como me pagam o sangue que derramei em dez campos de batalha, e o captivo de seis annos, que soffri em terra de mouros.»

Na segunda carta prevenia-o o conde de Lemos, de que os seus inimigos o accusavam de concussionario, e que por pouco estivera para ser demittido do emprego que exercia.

— «E outro golpe do meu zoilo Avellaneda!» exclamou o poeta, encolhendo os hombros, e abrindo a terceira carta.

Esta era do proprietario da casa, intimando-o para que pagasse a renda, ou saísse do predio.

— «Por estas e outras é que eu venho com as mãos abanando,» disse Catharina, córando de vergonha. «O tendeiro, como está prevenido, não me quer vender nada a credito. Tens pois, ó grande homem,» accrescentou forcejando por sorrir, «de contentar-te para o almoço com este bocado de pão.»

E que importava isso ao soldado de Lepanto, ao auctor do D. Quixote? O que a elle o pungia era o esquecimento em que tinham o seu primor d'arte; nem curava agora senão no meio de o fazer conhecido.

— «Uma idéa!» exclamou de repente, depois de cinco minutos de reflexão. . . «Hei de obrigar a Hespanha e o proprio rei a interessar-se pelo *cavalleiro da Mancha*.»

Sua mulher olhou espantada para elle sem o poder comprehender. Cervantes abraçou-a n'uma especie de delirio, e sentou se a trabalhar roendo ao mesmo tempo no seu pedago de pão.

Dous dias e duas noites não ergueu a penna do papel, excepto nos breves intervallos em que se levantava para rir ás bandeiras despregadas, ou para pular de alegria, como se tivesse descoberto um thesouro.

D'ahi a tres semanas publicava-se em Madrid um folheto anonymo intitulado o *Buscapé*, e quarenta e oito horas depois tinham-se vendido tresentos exemplares do D. Quixote.

Como se operára este milagre? O conde de Lemos, entrando severo e triste em casa do seu protegido, no'lo vae communicar.

Cervantes, fatigado de trabalhar, estava na cama. Sua mulher, largando a guitarra, levantou-se assim que viu o fidalgo.

— «Fugi!» disse este, offerecendo a bolsa ao escriptor, «fugi immediatamente, antes que os alguazis vos venham prender.»

— «Prender-nos!» exclamou Catharina, assustada.

— «Sim. Publicou-se em Madrid um folheto que acaba de vos perder, demonstrando que o D. Quixote é uma satyra pungente, em que, debaixo do nome de heroes imaginarios, são fustigados o rei de Hespanha, e os primeiros personagens da côrte.

— «Ah! pois o tal folheto fez bulha?» perguntou o poeta, pensativo e ironico.

— «Fez uma bulha infernal.»

— «E então compram o livro para verificar a maldade?»

— «Não ha duvida; por isso é que foi ordenada a vossa prisão.»

— «Maravilhosamente!» disse Cervantes; «até que afinal consegui o que desejava! Quando o D. Quixote era apenas uma boa obra, nem lhe pegavam; agora que se tornou em uma acção má, todos o querem lêr! Falta a palma do martyrio ao auctor para chegar ao apogeu da gloria. Pódem vir pois prender-me. Fui eu que fiz o *Buscapé*!

— «Vós!» disse o conde, compungido do desespero do seu amigo. «Então aquelle folheto é apenas um artificio, e eu posso salvar-vos, confessando tudo ao rei!»

— «De maneira nenhuma!» bradou o poeta. «Isso equivaleria a lançar no olvido o meu livro! Deixae-nos a ambos a fama, pelo escandalo e pela perseguição. Se o crime tem mais valia que o talento, a culpa não é minha, nem vossa tão pouco.»

O conde admirou aquella sublime resolução, e prometteu guardar silencio.

N'essa mesma noite Cervantes foi conduzido á prisão de Toledo.

Mas a cegueira publica e o rancor de odientos rivaes puderam mais que o seu genio. Após alguns dias de curiosidade, o D. Quixote foi esquecido por inoffensivo; e Avellaneda descarregou-lhe o ultimo golpe, pela audaciosa publicação de uma segunda parte do *Cavalleiro da Mancha*, rapsodia grosseira e monotona, na qual Cervantes era apodado de *velho mancha*, *pobretão*, *rabugento*, *tagarelleiro* e *calumniador*, com applauso de todos os mestres da critica d'aquella epocha!

O echo d'estes insultos chegou ao carcere do poeta; pegou da penna, e debaixo das lobregas abobadas, que a nossa estampa representa; á triste claridade de muitos dias de soffrimento, e ao talinear dos ferrolhos que o separavam do mundo, Cervantes escreveu a verdadeira continuação do D. Quixote, essa segunda parte ainda mais admiravel que a primeira.

Foi então visital-o o conde de Lemos, que havia idealo um plano excellente de desforra para o seu amigo.

Atacado de uma teimosa ophthalmia, e condemnado a um mez de escuridão, Philippe III pedira aquelle fidalgo que lhe procurasse um bom leitor para o distrahir, e mostrara desejos de ouvir por es-

ta occasião o D. Quixote de Avellaneda, que ainda não conhecia.

Uma manhã pois o escolhido do conde de Lemos, conduzido por elle, começou a sua tarefa á meia claridade de uma luz fraca, no escuro aposento do neto de Carlos V, do filho de Philippe II, d'esse rei que nunca tinha rido em sua vida.

A primeira sessão correu fria, apesar da profunda eloquencia do leitor, que accentuava e variava a intonação, como se estivesse improvisando. O rei entretanto declarou-lhe que ficára satisfeito.

No dia seguinte já se interessou mais. O leitor estava tão inspirado, que Philippe III julgava assistir a uma comedia. Via e ouvia D. Quixote, Sancho, todos os personagens, como se estivessem e falassem no regio aposento. Dignou-se sorrir, e disse: Muito bem.

A terceira sessão essa acabou com a indifferença. O rei encantado esqueceu as horas, e riu a bom rir. O leitor cheio de enthusiasmo redobrou de graça, e Philippe III, soltando em fim uma estrepitosa gargalhada, exclamou como se fôra um simples mortal. «É delicioso! É um primor d'arte!»

Esta noticia fez grande bulha no palacio e em Madrid. «O rei riu! o rei riu ás gargalhadas! — Foi o D. Quixote de Avellaneda que fez este milagre! Honra e gloria ao Avellaneda!»

E este começou de gabar-se do seu triumpho na côrte e na cidade. Via-se em perspectiva felicitado pelo rei no primeiro beija-mão, elevado a todas as dignidades da gloria e do genio. O pobre Cervantes esse, coitado! não havia insultos e epigrammas que lhe não dirigissem.

O unico pesar de Avellaneda era não poder conhecer e abraçar o leitor que tanto fizera sobresaír a sua obra... Mas este, dirigido pelo conde de Lemos, esquivava-se a todas as ovações com incorruptivel modestia.

As sessões continuaram, cada vez mais longas e mais animadas. O rei não tinha ouvidos senão para o D. Quixote e para o seu interprete. Esquecia as Hespanhas e as Indias, os seus avós, a etiqueta, os seus aborrecimentos e desgostos, pelas façanhas do bom cavalleiro, pelos proverbios de Sancho, pelas aventuras de Dulcinéa, e pelo governo de Barataria... Eram accessos de hilaridade continuos, passagens relidas, bons ditos repetidos e applicados aos cortezãos pelo augusto enfermo. Em fim, Sua Magestade era agora tão feliz como o mais pobre dos seus subditos!

O resultado foi abreviar-se a cura do rei. A sua reentrada no palacio e o beija-mão geral annunciaram-se uma semana mais cedo. Madrid mostrou a sua alegria com grandes festejos, e Avellaneda empenhou-se para comprar os esplendidos fatos com que pretendia apresentar-se a Philippe III.

Chegado o grande dia, uma immensa multidão enchia as salas do palacio. Conduzido pelo duque de Lerma, primeiro ministro, vestido como um grande senhor, e com um magifico exemplar do seu D. Quixote, Avellaneda ajoelha diante de Sua Magestade, e lhe offerece o livro que teve a gloria de o divertir.

— «Dizei antes de me curar,» respondeu o rei, «pedi-me pois o que quizerdes.»

Avellaneda julgou a proposito pedir o logar de Cervantes, com um gráu superior, e soldo dobrado. Philippe III concedeu-lh'o immediatamente. Eis que apparece o conde de Lemos, conduzindo um homem pobrementemente vestido, a cujo apparecimento romperam brados de indignação.

— «Cervantes aqui!»

— «Sim, Cervantes» redarguiu o conde, «o auctor e o leitor do verdadeiro D. Quixote, d'aquelle que tanto vos divertiu por espaço de vinte dias, e ao qual o sr. Avellaneda é completamente estranho. Perdoe-me Vossa Magestade ter soltado sob palavra um dos vossos presos, aproveitando esta occasião de revelar-vos um talento calumniado.»

Ao mesmo tempo Cervantes entrega ao rei o manuscrito que lhe lera no seu aposento, e que Philippe III reconhece por certas passagens, que ainda agora o fazem rir.

Rir assim, era perdoar. Cervantes confessou então que fôra elle proprio que escrevêra o folheto intitulado *Buscapé*, declarou que no D. Quixote não havia nada de offensivo; e finalmente que o seu crime unico era ter sido denunciado pelo sr. Avellaneda, e seus amigos.

— «Muito bem!» disse o rei, abrindo finalmente os olhos, «como me restituís duas vezes a vista, dizei o que pretendeis de mim.»

— «A impressão do meu livro á custa do estado,» respondeu modestamente o poeta, «com as notas e os commentarios dos estrangeiros que souberem conhecê-lo antes que os meus compatriotas.»

— «Eu vol-o prometto,» disse Philippe, dando-lhe a mão a beijar. «Ao senhor Avellaneda, a esse que roubou a vossa obra . . . pertence-lhe o vosso logar . . . na prisão de Toledo.»

Assim foi vingado Cervantes, e punido o seu plagiario. Mas, infelizmente o rei esqueceu-se da sua promessa, e em quanto Avellaneda vivia rico e feliz, o homem de genio recaía no olvido e na miseria. E só seculo e meio depois é que a Hespanha pagou a divida de Philippe III, publicando uma edição magnifica (em quatro volumes de 4.^o com estampas) do D. Quixote de Miguel de Cervantes.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO I.

O Filho e o Pae.

Ella nasceu para matar d'encantos
Eu, amando-a em vão, para morrer d'amores.

SHAKSPEARE — *Othello.*

O INFANTE pediu animo e resignação a Deus. Aquelle golpe ha mezes que o esperava, porque a sepultura de D. Sancho não se tinha cavado de repente. Dous annos gastou a morte trazendo-o pela mão, até lhe metter os pés dentro do tumulo, aberto para o receber. Agora é que a campã, pizando-lhe o peito, rangia descendo, e suffocando quasi as desfallecidas pulsações do peito. Sabendo que os seus dias estavam contados, mesmo com a força d'alma de um character robusto, o monarcha não sentiu a mortalha sobre o corpo vivo sem horror. Este martyrio queimava-lhe na raiz os desejos e as illusões; mostrava-lhe sempre o sepulchro, e de dentro d'elle ouvia a voz que o chamava, mais proximo a cada hora, sentindo por cima do coração o sópro da morte apagando a luz da esperanza, em quanto o rosto recuava do travesseiro como se já fosse a terra fria da sepultura! Um pé a

escapar do mundo, aonde o que fica é saudade; outro sem remedio a despenhar-se pela cova!

D. Afonso conhecia esta situação cruel, mas enganava-se, ou cuidava enganar-se, suppondo ainda afastado o momento da separação. Nos ultimos tempos, porém, a molestia correu; e as horas foram minutos. O amor costuma temperar assim o espirito; illude-o de proposito até esperar o amortecido lume da vida no objecto d'elle. O ultimo desengano por isso é que doe mais. A crise natural das grandes afflicções deveu o infante o alento, com que se arrastou até ao leito de D. Sancho.

O infante, tendo-se armado do valor, que n'estas crises presta o proprio extremo, decidiu-se a vêr pelos seus olhos um espectáculo, que só imaginado lhe cortava a alma. Deram de dentro por fim o aviso, e escutando-o todas as suas duvidas se desvaneceram. O abbade tomou-o pelo braço, atravessaram duas ou tres salas quasi escuras d'abobadas achatadas, metteram por um corredor mais sombrio ainda, e pararam diante do reposteiro de panno d'arraz (acitara), que estava corrido diante da porta. O monge bateu de leve, o reposteiro franziu-se d'alto abaixo, e ambos entraram. Ali, no interior da vasta quadra, com os muros desornados das preciosas tapeçarias do Oriente que d'antes os enfeitavam, é que D. Sancho se preparava para a jornada da eternidade.

No recanto da camara, Juliano, o notario da curia, diante de uma mesa coberta de escuro, escrevia as ultimas confidencias de el-rei a seu filho. D. Sancho, receando que a morte corresse mais do que a saudade do infante, dictava no momento supremo ao notario e ao bispo de Coimbra uma carta, na qual, entre palavras de pae e supplicas de homem, mais de uma vez apparecia a vontade robusta do vencedor de Silves.

Defronte do leito, em cima do altar, estava um devoto crucifixo, reliquia trazida da Palestina pelo conde Henrique. O sol poente, entrando pela estreita fresta do aposento, banhava de luz a imagem, que, despregada dos braços, parecia vôar para o peccador. No lado opposto, na confusão das roupas, estirava-se na parede a sombra do monarcha, desenhada no fundo. A figura de Juliano, com a face recostada no punho, alvejando-lhe sobre a garnacha preta (especie de bécca); as madeixas brancas, e o austero semblante do bispo de Coimbra, com a mão esquerda no espaldar da cadeira do official palatino e os dedos da direita passados na barba, destacavam pela melancolica posição do resto dos grupos, que os rodeavam.

O capello brunido, a cota de malhas e o montante de Sancho pendiam dos muros. Despindo as armas e as galas reaes, o monarcha guardou unicamente um habito para se amortalhar. As faces encovadas, os cabellos e a barba em desalinho, e os olhos mortaes indicavam que o corpo extenuado, já não podia com os padecimentos. Mas dentro velava ainda a grande alma do guerreiro da idade media, resignada com a vontade de Deus, despegada das vaidades humanas, e apertando a cruz sobre o cilicio da penitencia.

A morte, que n'este seculo assenta á cabeceira o horror da duvida e o remorso tardio, n'aquelle tinha as consolações da expiação. O afflicto reclinava-se no regaço da fé; e a religião, adoçando-lhe a esponja do fel, com a vela da esperanza allumiava-lhe o terrivel transe.

Se fosse hoje, os que vissem o monarcha portuguez na humildade de um habito, enriquecendo os mosteiros e as igrejas com a herança de seus filhos, haviam de exclamar: — «A molestia seccou o bra-

ço, mas Roma matou o espirito, rei D. Sancho. Depois de tantos annos de resistencia, tu, que defendeste a corôa das invasões de Innocencio III, castigando a temeridade do sacerdocio, que se dizia feito para devorar a grossura da terra, decepado pelos terrores da eternidade, sentiste em fim o joelho do clero sobre o peito, e com a fronte aos pés do estrado pontificio, renegaste o documento da tua victoria na hora final!" De feito, Sancho I, diante da morte, humilhou-se a Roma, abnegando os actos de resistencia muitas vezes feroz, com que reprimiu as invasões de um sacerdocio mais ambicioso e audaz, do que devoto e exemplar.

O filho de Affonso Henriques, herdando o coração esforçado de seu pae, não foi dotado com talentos militares iguaes. Nas batalhas e combates pagava com a sua pessoa, mais do que o dever de capitão, era soldado. Em Silves, dizem-nos os documentos, entrava na mina com os engenheiros, e mettia o alvião ás rochas como um simples gastador. Mas na historia do seu reinado debalde se buscarão as concessões atrevidas, e os planos bem urdidos, com que o vencedor de Santarem e Lisboa soube arrancar aos chefes agarenos as joias mais preciosas da conquista.

O chanceller Juliano, ministro estimado de Affonso I, foi sempre o conselheiro do seu successor, e apesar de velho, tinha o animo bastante moço ainda, para ser a alma que o monarcha portuguez oppoz com arrojo aos desenhos de predominio e usurpação temporal do irritavel e cubigoso Innocencio III. As cousas chegaram a ponto, que o papa, não podendo já conter a sua ira, desce da cadeira de S. Pedro, e

não duvida medir a sua cholera com a firmeza do chanceller, que fulmina directamente, mandando em uma bulla aos commissarios apostolicos, que a façam lêr ao rei pela pessoa, que lh'a entregar, *porque sabe que as suas palavras, ou não lhe são repetidas, ou são desfiguradas por alguém.* Este alguém, indigitado como falsario das letras de Roma, era o notario da curia, nome com que n'aquelle tempo se designava o cargo de chanceller, occupado por Juliano.

A morte de Sancho foi o resultado de uma enfermidade lenta, que o levou pela mão até o prostrar de todo no leito da dôr. No fim, desfallecido de corpo pelos padecimentos, descórado de animo pelos terrores da eternidade, habilmente incutidos, não admira que o soberano procurasse a paz da consciencia na submissão ao poder espiritual, quando o orgulho dos maiores philosophos modernos se dobrou, abraçando na agonia a cruz que tinham escarnecido. Talvez não fosse unicamente mesmo o desejo exclusivo da salvação o que levou um rei soldado, sem cultura, a beijar o pó diante do estrado do pontifice. N'aquelle seculo de armas e de lucta, o braço da igreja era o mais poderoso, e a sua influencia moral a menos contestada. Sancho I curvando-se, quando a fraqueza era desculpavel, podia ter o pensamento de implorar da igreja não só o perdão das suas culpas, mas a paz do throno e o silencio das discordias para o seu successor.

Depois d'esta explicação necessaria entremos com o infante para assistirmos aos ultimos momentos do vencedor de Silves. Talvez do homem que foi nos appareça ainda a sombra!

(Continúa.)



SANTA ISABEL — RAINHA DE PORTUGAL.

A VIRTUOSA rainha D. Isabel, que hoje o mundo catholico venera nos altares, nasceu no anno de 1271, em Saragoça, como dizem muitos escriptores e chronicistas, ou em Barcelona, como pretende demonstrar D. José Barbosa no catalogo das rainhas de Portugal: uns e outros, porém, não puderam averiguar

nem o mez nem o dia em que se verificara este successo, o que aliás pouco importa.

Foram seus paes D. Pedro III, o grande (X da corôa de Aragão) e a rainha D. Violante, sua segunda mulher.

O nascimento de Isabel foi precedido e acompa-

nhado de successos felizes e até certo ponto tão extraordinarios, que a fé d'aquelles tempos os lançou á conta de milagres; não sendo o menos importante terminar por esta occasião a grave desintelligencia em que viviam seus respeitaveis pae e avô, e que ás circumstancias de que apparecia revestida se julgava com fundamento ser interminavel.

Desde os mais tenros annos revelou Isabel os sublimes quilates do seu generoso coração, aquelle entranhavel amor dos pobres, que a acompanhou e glorificou depois no throno, e aquella serenidade e igualdade de animo que nunca desmentiu em sua larga vida.

Já então todo o tempo que lhe sobrava das suas devoções, e das leituras religiosas, que frequentava, com particular vocação, e que preferia aos romances de cavallaria, na voga então, aos saras da côrte de seu pae, e aos folguedos proprios dos verdes annos, emprega-o disveladamente em exercicios de charidade.

A fama de tão singulares prendas e virtudes deramou-se pela Europa, e muitos principes solicitaram a sua mão. Entre os que formularam claramente estas pretensões figuravam Philippe de França, Duarte, principe de Galles, e Paleologo, imperador de Constantinopla, que a pedia para seu filho Andronico.

A Providencia, porém, parecia ter reservado esta suprema felicidade para o sabio D. Diniz, o nosso famoso rei lavrador.

João Velho, Vasco Pires, e João Martins, todos do conselho d'el-rei, e pessoas de muita auctoridade e distincção, foram os encarregados de manifestar a D. Pedro as intenções do monarcha portuguez. A reputação de prudencia e sabedoria que este soberano grangear tornava a sua alliança mui desejada: como era pois de suppor a mão de Isabel foi-lhe immediata e gostosamente concedida, e aos embaixadores portuguez coube a honra de a conduzir a Portugal, celebrando-se as bodas, com extraordinaria pompa, em Trancoso, onde a esperava D. Diniz, a 24 de junho de 1282.

A magestade, que para tantos tem sido perdição, foi para Isabel chrysol com que se apuraram em mais subidos quilates as suas eminentes virtudes.

Rodeada de uma côrte esplendida, na primavera da vida, ainda formosa, d'essa formosura que pede adorações, a modesta Isabel só mostrava ser rainha na magnanimidade do coração.

(Continúa.)

ALBUM ITALO-PORTUGUEZ.

No PRINCIPIO do seguinte anno publicar-se-ha um excellente livrinho com o titulo que precede estas linhas; é uma collecção selecta de primorosas poesias escriptas no opulento e harmonioso idioma do Tasso pelo nosso amigo e distinctissimo poeta e professor de declamação o sr. A. Galeano Ravara: muitas d'ellas são acompanhadas da traducção portugueza devida a algumas das nossas summidades litterarias. A lingua italiana, que outr'ora foi familiar aos nossos escriptores, e principalmente aos nossos poetas, hoje é por infelicidade quasi desconhecida entre nós. O sr. Ravara vem despertar as agradaveis tradições dos melhores tempos da litteratura nacional, e porventura o seu livro é o nuncio de futuras e mais apertadas relações entre os idiomas que o Dante e o Camões immortalisaram nos seus cantos. Este não é o menor serviço que temos de agradecer ao sr. Ra-

vara. Em quanto ao merecimento essencial do livro, o leitor poderá avalial-o pelo artigo seguinte, que extrahimos, com especial permissão, do magnifico prologo, de que vae precedido o interessante livro do sr. Ravara, escripto em estylo florido e eloquente, por um dos mais illustres representantes da nossa moderna litteratura.

Recommendar, pois o *Album Italo-Portuguez*, quando o juiz, sem contestação, mais competente que temos em materias de poesia, assevera ser obra de relevante merecimento, e muito digna de se lér e estudar até, seria, sobre inqualificavel pretensão, fazer injuria ao bom senso do publico illustrado. E nós esperámos que este corresponda aos desejos do illustre vate italiano, tornando-lhe menos amargas as saudades da patria, e dando assim, ao mesmo tempo, uma prova de que sabe apreciar o talento.

F. P.

A PUBLICAÇÃO de um livro é sempre em nossa terra uma novidade; a de um livro de poesia duas novidades; a de um livro de poesia italiana, e excellente poesia, tres novidades, ou antes um acontecimento sem precedente. O *Album* do sr. Ravara, de que eu me ufano de ser apresentador ao nosso publico illustrado, não deve ser de modo algum confundido com os outros individuos da familia mais numerosa e mais fatal, que a de Agamemnon, a familia dos albuns.

Os outros, que de toda parte nos perseguem, nos toucadores, nas jardineiras das salas, nos indispensaveis das mamans officiosas, no bolso dos servidores de damas; que nos assaltam no meio dos trabalhos mais serios, pedindo-nos a contribuição forçada de um louvor insipido, ou n'um passeio ocioso, impondo-nos a mais afflictiva, a mais ingloria e a mais inutil de todas as tarefas; os outros, escandalo dos poetas, e descredito dos prosadores, mereceriam perfeitamente o seu titulo de livro em branco, se o lapis, o pincel e a penna se não tivessem encarregado de o desmentir materialmente.

Não assim este que ídes folhear talvez por desenfado e distracção, ao principio, mas que logo vos convidará a segui-lo da primeira linha até á altura, e depois de lida ella, recomeçal-o.

O *Album Italo-Portuguez* é uma obra do coração para o coração. Dizer que é poesia não é dar idéa d'elle; é o sentimento melancholico, são os affectos mais delicados, revestidos da mais luxuosa fórmula lyrica. É impossivel não amar a alma que vem do fundo do labyrintho das suas penas reaes ou imaginarias, mas ainda quando imaginarias, sempre reaes para quem as ceva, lançar-se, cuberta do seu luto, no seio ás almas compassivas que não conhece, muitas das quaes estão ainda por nascer, e, com a confiança de irmã para com irmãs, as inunda, as repassa das suas lagrimas, e, logo que um suspiro alheio lhe esvoaçou sobre ellas, gosa toda a voluptuosidade do martyrio.

Tal é o caracter d'este opusculo, e o do auctor, porque aqui o auctor e o livro são um só. Os seus versos não são inventados por elle, são por elle vividos; concebe o mundo assim; não crê em prazeres que não contenham em germen desenganos; antevê no baile o cansaço, na infancia as cãs, na flôr o pó, na formosura o esqueleto. Que de malogros de desejos, que de mentiras da fortuna não foi necessario haver passado, para que aos trinta annos se chegasse com um soberbo talento, e uma lyra magnifica a não cantar senão magoas, a não acreditar senão na dôr!

Mas esses segredos são os seus; não pensemos em sondal-os.

Que importa uma biographia? O que importa, o que interessa é o estado de um espirito e de um coração. Saudades da patria, sobre tudo quando a patria é a Italia; saudades de mãe, sobre tudo quando o amor filial arde em poeta; saudades dos sitios em que vóou a infancia; saudades tambem, por certo,

de algum objecto d'estes que se adoram com a alma de joelhos e sem ousar proferir-lhe o nome. Saudades, sempre saudades; eis, debaixo de mil fórmias, o assumpto perenne do seu canto, como a melancholia e a doçura constituem, por entre as amenidades da noute, todas as meditações religiosas e namoradas do rouxinol.

A. F. DE CASTIHO.

NOBREZA DE PORTUGAL EM 1736.

REIS QUE CONCEDERAM OS TITULOS.	TITULOS.	APPELLIDOS DAS CASAS TITULARES.
DUQUES.		
D. João III.	Aveiro. — (extincto no reinado de D. José) duques de Torres Novas, por D. Filippe I, marqueses de Montemór, pelo mesmo, condes de Penella, pelo mesmo.	Lancastros.
D. João IV.	Cadaval. — Marqueses de Ferreira, por D. Manoel, condes de Tentugal, pelo mesmo.	Alvares Pereira de Mello.
D. João V.	Lafões. — Marqueses de Arronches, por mercê de D. Pedro II, condes de Miranda, por D. Filippe II.	Braganças.
MARQUEZES.		
D. João V.	Abrantes. — Condes de Villa Nova de Portimão, marqueses de Fontes, por D. Affonso VI, (extincto).	Sás Menezes.
D. Pedro II.	Alegrete. — Eram condes de Tarouca, condes de Villar-maior, por D. João IV, (extincto).	Telles Silvas.
D. João V.	Angeja. — Condes de Villa Verde, por D. João IV, (extincto).	Noronhas.
D. João IV.	Cascaes. — Condes de Monsanto, por D. Affonso V, (extincto).	Castros.
D. Pedro II.	Fronteira. — Condes da Torre, por D. Filippe III.	Mascarenhas.
D. João V.	Gouveia. — Condes de Santa Cruz, por D. Filippe I, (extincto).	Mascarenhas.
D. Affonso VI.	Marialva. — Condes de Cantanhede, por D. Affonso V, (extincto).	Menezes.
D. Pedro II.	Minas. — Condes do Prado, por D. João III.	Sousas.
D. João IV.	Niza. — Condes da Vidigueira, por D. Manoel.	Gamas.
D. Pedro II.	Tavora. — Condes de São João, por D. Filippe III, (extincto no reinado de D. José).	Tavoras.
D. João V.	Valença. — Condes de Vimioso, por D. Manoel.	Portugal e Castro.
CONDES.		
D. João V.	Alva. — (O actual, filho do marquez de Santa Iria, é da casa Monteiro Paim).	Ataides.
D. Pedro II.	Alvor. — (extincto).	Tavoras.
D. Filippe II.	Arcos. —	Noronhas.
D. Pedro II.	Assumar. — Marqueses d'Alorna.	Almeidas.
D. Filippe I.	Atalaia. — Depois marqueses de Tanços.	Manoeis.
D. Affonso V.	Atouguia. — (extincto).	Ataides.
D. Filippe III.	Aveiras. — (Marqueses de Vagos, alliança com os Noronhas).	Telles Silva.
D. Affonso VI.	Avintes. — Marqueses e condes de Lavradio.	Almeidas.

INSTRUÇÃO POPULAR.

I.

QUEM, percorrendo os monumentos escriptos de quasi todos os povos modernos da Europa, comparar os sons como elles verdadeiramente são articulados, com a sua representação pelos signaes graphicos, mal pensará, que a escripta tem por fim significar rigorosamente os differentes sons de que constam as palavras, e de que se compõem os idiomas. É para nós materia quasi de fé, se bem que sómente conjectural, que a escriptura primitiva devia representar unicamente os sons que entravam nas palavras; posto que a verdadeira pronuncia das linguas orientaes não tenha podido até hoje ser verificada por antiquarios e philologos, tudo leva a crêr que no principio houve um character phonico distincto, para representar cada som fundamental.

Muitas letras do alphabeto grego, por exemplo, que nós hoje, na nossa ignorancia da linguagem attica, confundimos no mesmo som, o Θ e Τ, que nós pronunciamos indistinctamente como t, o Ω e Ο, a que damos collectivamente a pronuncia do o, é claro que serviam na orthographia grega a distinguir sons differentes, que nós hoje não podemos discriminar, e que todavia não soavam do mesmo modo aos ouvidos delicados — *teretes et religiosae aures* do cultissimo povo d'Athenas.

Herdeiros na linguagem de litteraturas mortas e adulteradas pelo barbarismo da meia idade, copiámos para as palavras corrompidas dos idiomas que hoje fallamos na Europa, uma orthographia, que em muitos pontos se torna absurda á força de ser escrupulosa. Na reconstrucção classica das linguas modernas, e principalmente nas que chamam neo-romanas, ou nas do meio-dia da Europa, esquecemo-nos de que á orthographia andava ligada, como parte essencial, a orthoépia e a prosodia dos idiomas classicos.

Cousa notavel, é desde o renascimento das letras, é desde o tempo em que mais escrupulosamente nos afadigamos a copiar do antigo, que a nossa orthographia é mais absurda, mais disparatada, mais contradictoria, á força de ser mais correcta, mais polida, mais corteza e mais classica.

Nas origens da lingua européa não foi ao casto idioma de Horacio e de Virgilio, que os nossos avoengos foram heber os elementos do nosso fallar moderno; provavelmente, quando as linguas neo-romanas começavam de propagar-se na Europa meridional, foram as invasões dos nossos antigos dominadores, quem forçou os nossos antepassados a acceitarem em parte a lingua d'estranhos, presente infausto, que significa sempre a ruina d'um povo, e o sacrificio da sua nacionalidade.

Na primeira elaboração dos idiomas europeus, é provavel, é quasi certo, que foram o latim rustico, o latim do povo, e principalmente os dialectos provinciales, que evidentemente os havia em grande numero pelas varias regiões do mundo romano, as fontes d'onde jorraram os primitivos caudaes da nossa linguagem moderna. Não foi ao principio a musa greco-romana, que na decadencia, na ruina do imperio despiu as suas vestes, e se despojou dos seus attributos para enriquecer e adornar com elles a musa das litteraturas primitivas dos povos christãos na Europa.

Não foi sobre a castiga e opulenta linguagem de Virgilio e de Tibullo, que se calcaram os elementos das novas linguas barbaras, com que nós tanto hoje nos vangloriamos. O latim d'aquellas epochas, corrompido, e mesclado de barbarismos pela sua união

adulterina com as linguagens do norte, mal podia conservar a pronuncia correcta, elegante e harmoniosa, que não se coadunava com a laringe grosseira e com a intonação barbara das hostes septentrionaes.

Palavras latinas, copiámol-as é verdade para os idiomas romano-gothicos, mas copiámol-as desfiguradas na pronuncia, e escrevemol-as então como soavam a ouvidos pouco delicados, omittindo letras inuteis, e seguindo em tudo a simplicidade das regras de uma primeira construcção. É por isso, que a orthographia portugueza dos primitivos tempos, é sem duvida, posto que imperfeita, muito mais racional, e musicalmente mais correcta, que a dos tempos civilisados. Muito tempo andaram, como todos sabem, em quasi total esquecimento as genuinas letras classicas, só desenterradas do pó em que jaziam quasi em fins da meia idade. Latim que então se escrevia e deletreava, sabe Deus a custo de quantos sacrificios para a boa grammatica, e de quantas offensas ás austeras musas romanas, era latim de frades ou de legistas, que pouco influxo podiam ter no aperfeicoamento das linguas européas. Veiu a renascença, e conheceu-se, que, com as linguagens barbarisadas e incompletas como estavam, pequeno vôo poderiam tomar as litteraturas modernas. Era chegada a vez de educar em exercicios viris os idiomas, que até então haviam crescido nos incunabulos da infancia.

Os primeiros que tentaram crear na Europa litteraturas com sabor e gosto classico, reconheceram, que a lingua dos trovadores e menestreis, não podia attrever-se ás empresas gigantes da imitação dos grandes modêlos antigos. Os idiomas primitivos eram como palhetas, em que havia côres vivas, mas grosseiras, com que esboçar os quadros, por assim dizer de genero, as satyras, as fabulas, os contos, os romances, a xacara, as baladas, e todos os mais generos poeticos em que se copiam as scenas familiares. Para quadros historicos, para a tragedia, para a epopéa, para a alta lyrica, a lingua era deficiente, e urgia procurar em fontes alheias os elementos da nova maneira de fallar.

Todas as riquezas e pompas, todas as superfluidades oratorias e poeticas da antiguidade classica estavam patentes e conhecidas aos modernos cultores da litteratura classica. Virgilio, que symbolisava a epopéa romana, que era um modêlo obrigado de todos os epicos modernos, offerecia-lhes, a par da invenção e da fabula, um thesouro inexgotavel de estylo e de linguagem. Era rasoavel, que para enriquecer e adornar as linguas neo-romanas, filhas, ainda que bastardas e ingratas, da lingua do Lacio, se fossem pedir as alfaias e as joias á opulenta mãe, de quem haviam herdado os seys primeiros haveres. O latim entrou pela segunda vez nas linguagens modernas, não imposto pelo direito de conquista, senão invocado pelos aperfeicoadores das litteraturas meridionaes. É d'então que data a segunda camada de palavras latinas no nosso idioma patrio; é desde então que nós vemos o notavel phenomeno de apparecer a mesma idéa representada por duas palavras, ambas ellas similhantes, ambas ellas originalmente latinas; uma, porém, corrompida e contemporanea dos primeiros lineamentos da lingua; a outra, genuinamente classica e sem differença alguma orthographica em relação á palavra romana.

Da palavra latina *facticius* fez-se pela corrupção, na primeira elaboração da lingua portugueza, *factiço*. Mas a palavra romana lá apparece depois no remodelamento culto da linguagem, a portuguezada na palavra *facticio*, hoje nacionalisada nos nossos lexi-

cos. *Posição*, derivada, com a corrupção indispensavel da desinencia, da palavra latina *positio*, só deu entrada no idioma portuguez, com a segunda invasão, ou com a invasão litteraria e culta da latinidade nas letras patrias. *Postura* foi o termo que, corrompido do latim vulgar, entrou nos primeiros esboços da nossa linguagem nacional. O mesmo se pôe dizer de *feito*, palavra corrompida, e *facto* promiscuamente latina; *auto* da idade primitiva da lingua, e *acto* de sua idade philosophica, metaphysica, raciocinadora e litteraria.

A existencia das duas invasões romanas a modificar o elemento celta, punico ou arabe, que formaram, porventura, o esqueleto, já hoje quasi desfeito, da nossa antiga lingua indigena, o facto da derivação barbara e da appropriação litteraria dos termos e dos modos de dizer romanos, levam-nos a confirmar o que dissemos, de que nas idades primevas da nossa litteratura, a orthographia teve de ser mais singela, mais phonica, mais consonante á prosodia e á orthoépia nacional, do que nos tempos em que tratámos de estabelecer filiações theoricas, e confrontes philologicos do idioma latino á lingua matriz, de cujos despojos se enriqueceram as linguas neo-romanas. Se os primeiros trovadores da idade heroica da monarchia souberam traduzir nos caracteres graphicos da epocha as suas composições, se Gonçalo Hermigues e os seus confrades litterarios do nosso alvorecer poetico, souberam escrever, não se prenderam de certo com os escrúpulos de uma rigorosa etymologia, e não respeitaram nos seus codices os direitos do y grego, nem as prerogativas imperiaes da orthographia romana.

J. M. LATINO COELHO.

AS HONRAS DEVEM SER CONFERIDAS A
QUEM AS MERECEM.

É necessario ter respeito aos merecimentos de cada um, porque se não levem os favores por respetos. Desgraçada foi sempre a republica onde se alcança a pretensão sem merecimento. Os mesmos meritos hão de ser o tribunal aonde se ha de requerer e achar o premio.

Quando os dous irmãos pretenderam logares com Christo, lhe respondeu o mesmo Senhor, que não estava na sua mão o dar-lh'os; pela razão de que estes logares estavam aparelhados para quem os merecia; como dizendo, que os primeiros eram mais proprios dos benemeritos que os mereciam, que do mesmo Christo que os communicava.

Contra si mesmo esgrime o castigo quem honra ao incapaz de honra. Não ameaçou Deus a serpente se não com a propria mulher a quem persuadia comesse da arvore, porque lhe disse que ella havia de ser que lhe daria na cabeça; consequencia foi esta assás forçosa, porque como a serpente quiz subir ao ser que lhe não era devido quem lhe havia de dar o castigo, senão quem immeritantente ella queria honrar. O mesmo sol, quando levanta os vapores da terra, elle mesmo se torna nublado, quando os escurece.

PADRE A. VIEIRA.

— O que opprime ao pobre para se augmentar a si, e da ao rico, certamente empobrecerá.

— O ornato dos mancebos é sua fortaleza; e a formosura dos velhos as caus.

— Doce é o somno do trabalhador, quer coma pouco, quer coma muito: porém a fartura do rico não o deixa dormir.

No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.º volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a symphathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Difficuldades inevitaveis na organização de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, é inteiramente distincta das anteriores, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reúne as condições necessarias para uma edição nítida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaíam tanto quanto era para desejar. Esperámos obter melhor papel, e continuaremos sollicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e nas lojas dos sr.º Lavado, rua Augusta, n.º 8, Bravo, rua do Ouro, n.º 212, Zeserino, rua dos Capellistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.º 13300 rs. Por semestre ou 26 n.º 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.º que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou por carta franca de porte, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.